

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: NAVA, M. Cosmopolitismo doméstico e estruturas afetivas: a especificidade de Londres. Tradução Fábio Abreu de Queiroz. **VIRUS**, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=3&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mm aa.

Originalmente publicado em N. Yuval-Davis, K. Kannabiran and U. Vieten (eds) (2006) **The Situated Politics of Belonging**, London: Sage (pp 42-53) ISBN 1-4129-2101-5. Publicado pela revista VIRUS com a gentil permissão da autora e dos editores.

Cosmopolitismo doméstico e estruturas afetivas: a especificidade de Londres

Mica Nava

Mica Nava é Professora de Estudos Culturais e Co-diretora Centre for Cultural Studies Research na University of East London, Inglaterra. Suas publicações incluem *Gender and Generation* (1984), *Changing Cultures: Feminism, Youth and Consumerism* (1992), *Modern Times: Reflections on a Century of English Modernity* (1996), *Buy This Book: Studies in Advertising and Consumption* (1997) e *Visceral Cosmopolitanism: Gender, Culture and the Normalisation of Difference* (2007).

Introdução

Uma boa parte do trabalho pós-colonial sobre migração, pertencimento nacional e diferença tem, por muito boas razões históricas e políticas, focado no conjunto injúrias, ascendência e práticas de racismo e xenofobia. Em contraste, este artigo¹ explora uma história dialógicamente relacionada, ainda que mais benevolente, da hospitalidade, simpatia, e desejo pelos 'outros' culturais e raciais que, juntos, formam um grupo de atributos contextualmente específicos que estou chamando aqui de "cosmopolitismo doméstico". As emoções e os imaginários associados ao cosmopolitismo como uma estrutura afetiva têm sido largamente negligenciadas pelos teóricos culturais e sociais envolvidos com o tema, que têm tendido a concentrar-se na reflexividade cognitiva e estética e na manutenção do desprendimento psíquico ou, alternativamente, no discurso dos direitos humanos (HANNERZ, 1990, URRY, 1995; ver também VERTOVEC; COHEN 2002 e SKRBIS *et al.* 2004). A especificidade das

¹ Uma versão anterior desse artigo foi publicada em Yuval-Davis *et al.* (2006).

relações de gênero quanto a outros lugares e quanto a alteridade, seja racista ou anti-racista, tem igualmente recebido pouca atenção (NAVA, 2002 e 2007); enquanto a idéia de um cosmopolitismo enraizado no país de acolhimento e esgotado localmente através de imaginários de identificação e desejo, ao invés de associado a viagens e migração para territórios estrangeiros, quase não foi explorada (apesar disso, ver DERRIDA, 2001).

Expandindo estas três zonas conceituais negligenciadas e baseando-se numa série de episódios históricos específicos, este artigo defenderá, em linhas gerais, a idéia de um cosmopolitismo visceralmente experimentado, domesticamente localizado e relacionado ao gênero nos espaços imaginados e geopolíticos da Inglaterra metropolitana contemporânea, particularmente, Londres. A intenção é ampliar os debates existentes, não substituí-los. A afirmação central é que o cosmopolitismo deste tipo tem uma história material bem estabelecida, embora desigual, que se alterou ao longo do século XX, de uma contracultura da modernidade para um aspecto dominante da vida cotidiana contemporânea e um elemento central na identidade de Londres como uma cidade (pós)moderna, na qual diferenças nacionais e "raciais" têm se tornado comuns.

O cosmopolitismo, visto através desse tipo de lentes, pode então ser sempre compreendido como uma formação historicamente contingente, geopoliticamente específica, bem como uma que está para ser distinguida conceitualmente de outras às quais ela se sobrepõe em alguns aspectos. Isto inclui, por exemplo, as atuais preocupações da política econômica com a cidadania global ou os padrões de turismo e migração (e.g. MOUFFE, 2004). Talvez mais significativa politicamente, e mais difícil de destrinchar conceitualmente e empiricamente, seja a distinção entre "cosmopolitismo" e o "multiculturalismo" urbano do século XXI, ou a coexistência com diversidade de todos os tipos, incluindo religião, numa esfera pública algumas vezes diminuída. Nesse tipo de multiculturalismo, diferente do cosmopolitismo, o "outro" é mantido à distância e as diferenças, frequentemente, consolidaram-se ao invés de se dispersarem (HALL, 2002; HESSE, 2002).² Finalmente, é também importante salientar que o tipo de cosmopolitismo postulado aqui não existe à exclusão de uma mais tradicional xenofobia britânica. Ao contrario, os dois temperamentos, ou regimes discursivos, muitas vezes coexistem numa tensão paradoxal e antagônica entre si.

Histórias

Quando C.L.R. James, o respeitado intelectual trinidadiano, veio a Londres pela primeira vez, em 1932, ele escreveu uma série de cartas sobre suas experiências e impressões, que foram publicadas como artigos no *Port of Spain Gazette*. Numa delas, ele descreve a hospitalidade e cordialidade estendidas a ele pelas mulheres que conheceu:

² Veja, por exemplo, as "faith schools" separadas, que são um fenômeno crescente mas contestado no Reino Unido.

A garota inglesa comum, em Londres, tem pouco preconceito de cor e, de fato, não fosse pelos homens ingleses, eu duvidaria se teria algum... As garotas, longe de serem preconceituosas, são muito interessadas... Mas a julgar pelo modo como elas olham e olham e olham, e pelo que muitos outros estudantes de cor me disseram, os homens [ingleses] é que são os responsáveis por uma grande parte do problema... Eu conheci vários casos de mulheres inglesas... de criação e educação decentes, que saíram de seus caminhos para ajudar de toda forma que podiam a jovens homens de cor em Londres (JAMES, 2003, p.102-103).

Isso, ele continua dizendo, é alimentado por "genuína boa vontade, um desejo de ajudar o estranho numa terra estrangeira". Mas há um interesse erótico também, ele diz, e descreve um incidente no qual uma jovem mulher sentada próxima a ele no cinema insistiu em pressionar seu braço e coxa contra os dele, a despeito de seu acompanhante estar sentado do outro lado dela, e como, então, ele se sentiu obrigado a fazer uma fuga apressada durante "*God Save the Queen*". A experiência de Paul Robeson em Londres, na década de 1930, não foi diferente. O celebrado cantor negro norte-americano, estrela de cinema e ator que, no final da década, foi votado o mais popular cantor na rádio britânica e colocado em décimo na lista *Motion Picture Herald* das celebridades mais populares pelo público do cinema britânico – que, significativamente, era composto predominantemente por mulheres –, também viveu em Londres durante o período do entreguerras porque ele a achava consistentemente menos racista do que Nova Iorque. De acordo com seu biógrafo, Robeson teve vários romances com mulheres inglesas brancas (DUBERMAN, 1989).

A recepção calorosa, estendida dez anos depois da chegada de C.L.R. James, por várias mulheres inglesas brancas aos recrutas americanos enquanto eles estavam na Grã-Bretanha, durante a Segunda Guerra Mundial, novamente ecoa esse temperamento e certamente terá sido influenciada pelo perfil público de Robeson (NAVA, 2007). Entre 1942 e 1945, muitos milhares de mulheres inglesas e soldados negros desenvolveram relações sociais e românticas entre si, para a consternação do comando do exército norte-americano que se sentiu obrigado a avisar suas próprias tropas brancas, ainda profundamente enraizadas numa cultura segregacionista americana, sobre a consciência racial diferente dos ingleses, especialmente das mulheres. Como colocado pelo general Eisenhower, refletindo sobre sua experiência no tempo de guerra na Europa: "a garota britânica iria ao cinema ou dançaria com um negro tão prontamente quanto ela iria com qualquer um" (GARDNER, 1992, p.155). Barbara Cartland, que foi conselheira do bem-estar moral para as mulheres das tropas britânicas na época, confirmava que eram "as mulheres brancas que corriam atrás de soldados negros, e não *vice versa*" (COSTELLO, 1985, p.319). Esses encontros inter-raciais eram considerados tão subversivos pelos norte-americanos, que foi imposta censura militar sobre todas as fotos de casais de negro e branca dançando e socializando. Os pontos relevantes aqui são, primeiro, que as relações inter-raciais e o sentido de "raça" e de diferença epidérmica não eram, no Reino Unido, os mesmos que eram nos Estados Unidos; e segundo, que nesse contexto, como antes da guerra, eram as mulheres (embora nem todas as mulheres) que estavam mais expansivas e acolhedoras em relação a estes "estranhos".

Alem disso, como C.L.R. James notou, essa acolhida a homens categorizados como "outros" era estendida por mulheres de todas as classes. Os judeus, na década de 1930, num clima de anti-semitismo cada vez mais ameaçador, na Grã-Bretanha assim como, mais notadamente, na Europa central, também eram codificados como outros e igualmente acolhidos por certos grupos num gesto empático de inclusão social. O parlamentar trabalhista Dick Crossman enfatizava que, durante esse período, ele e muitos de seus amigos socialistas da classe média eram "emocionalmente pró-judeus... como parte de seu 'anti-facismo'... instintivamente defendendo os judeus sempre que houvesse uma chance para isso" (CROSSMAN, 1946, p.27).³ Alguns deles se casaram com judeus, em parte como um ato de revolta política visceral contra o racismo e conservadorismo da cultura parental (entre eles, Hugh Gaitskell, posteriormente líder do Partido Trabalhista) (NAVA, 2007). Virginia Woolf foi um exemplo anterior que, de acordo com seu biógrafo, casou-se com Leonard em 1911 parcialmente em razão de sua problemática judaica e pelo fato de que esse era o oposto do tipo de casamento que seus pais poderiam ter consentido" (LEE, 1996, p.308). Nancy Cunard, herdeira, ativista política e editora da celebrada antologia de 800 páginas *Negro*, teve um longo relacionamento, na década de 1930, com o afro-americano Henry Crowder, devido a uma provocação política e familiar semelhante (CHISHOLM, 1981).

Durante o período de austeridade do pós-guerra, com o advento de novos, predominantemente homens, migrantes da *Commonwealth*, particularmente caribenhos, a reação da população do país aos forasteiros mudou.⁴ Bill Schwarz argumenta que esse período assistiu a uma re-racialização na Grã-Bretanha, devido a receios de miscigenação (SCHWARZ, 1996). No entanto, embora a discriminação na habitação e no trabalho fosse comum, nas esferas liminares da interação social e sexual, migrantes negros eram, ainda, muitas vezes bem vindos. O filme *Windrush*, produzido por Mike e Trevor Phillips, demonstra isso involuntariamente.⁵ Intercaladas entre entrevistas com migrantes, na maioria homens caribenhos, recordando seu desapontamento e humilhação frente às práticas de exclusão dos ingleses nos primeiros anos do pós-guerra, estão clipes de arquivo de clubes londrinos onde, quando jovens, eles dançavam e socializavam com mulheres brancas. Horace Ove, um cineasta trinidadiano que veio à Grã-Bretanha no início da década de 1950, relembra que as mulheres brancas não apenas gostavam dos recém-chegados: "Elas eram curiosas e, a despeito da pressão de seus pais e amigos, elas nos ajudavam ao se aproximar de nós. Elas nos compreendiam, por algum motivo" (OVE *apud* PILKINGTON, 1988, p.65; ver também literatura caribenha contemporânea, e.g. SALKEY, 1960). Ras Makonnen (da Guiana), explica essa empatia e parte dessas contradições inerentes sugerindo que a "dedicação de algumas das garotas [brancas] à nossa causa era uma expressão da igualdade de direitos para as

³ Crossman viria a tornar-se mais tarde um anti-sionista e a distanciar-se dos judeus, arquitetos do estado de Israel (1946).

⁴ Os novos migrantes também incluíam um grande número de ex-soldados poloneses e pessoas de campos de refugiados deslocados na Europa continental.

⁵ Feito para a BBC2 e transmitidos em junho de 1998.

mulheres. Uma forma de rejeitar a opressão dos homens era se associar aos negros” (MAKONNEN *apud* GILROY, 1987, p.163). A socióloga branca da década de 1960, Sheila Patterson, tocou na questão quando ela comentou (no caso dela, menos aprovadamente) que algumas mulheres brancas tinham relacionamentos com homens “de cor” como um “deliberado gesto político”, ou “*pour epater les bourgeois*”, como ela colocou: para desprezar convenções (PATTERSON, 1965, p.254).

Hoje, no começo do século XXI, convenções não são mais desprezadas por relações mistas. Miscigenação e interação social doméstica (para distinguir de “multiculturalismo” ou coexistência na esfera pública) são agora comuns, especialmente em Londres. Em 1994, estimava-se que mais de 50% dos jovens homens britânicos de origem afro-caribenha, e 35% das mulheres, tinham parceiros brancos (MODOOD, 1997). Os dados mais recentes para o Reino Unido (*Sunday Times*, 9 de abril, 2000) sugerem que impressionantes 90% dos homens “negros” com vinte anos de idade e que estão num relacionamento, estão com parceiras que não são negras (embora não esteja claro como “negro” ou “relacionamento” são definidos aqui) e que 40% das crianças com um dos pais “negro” (mestiço?) também tem um dos pais branco. Essas mudanças não estão restritas a pessoas de origem afro-caribenhas: as populações indianas e chinesas no Reino Unido vão na mesma direção, embora num ritmo mais lento (menos propensos a casar com pessoas fora de suas origens são os muçulmanos do Paquistão e de Bangladeshi) (BERTHOUD *apud* PARKER; SONG, 2001, p.2). Esses números elevados de relações negro-branco no Reino Unido confronta a porcentagem muito baixa estimada – apenas 3,6% – de homens afro-americanos casados com parceiras brancas nos Estados Unidos (SMALL, 2001). O número de relacionamentos inter-raciais na Grã-Bretanha também é estimado como sendo dez vezes maior que a média européia (PARKER; SONG, 2001) (embora não esteja claro como Europa é definida aqui). Todos esses números estão inevitavelmente abertos à interpretação, mas o que é, todavia, claro, é que a “racialidade mista”, que no contexto de Londres é uma denominação mais apropriada para indicar complexas trajetórias históricas e geográficas do que origens raciais essenciais, tornou-se comum; ela existe junto e se funde com a pluralidade da fisionomia contemporânea britânica. Mais que isso, essa indefinição cultural e racial atravessa categorias de classe social: Diana não foi a única nos círculos reais a escolher um parceiro que era visivelmente de outro lugar; uma das primas da rainha é casada com um nigeriano e outra mora com um namorado indiano. Miscigenação e interação doméstica generalizadas desse tipo não são apenas sinais do cosmopolitismo na Londres contemporânea, nem são, mais importante, um sinal inevitável, mas são a mesma emblemática de uma identidade metropolitana moderna reconfigurada. Richard Sennett distingue entre *alteridade* na cidade, que trata da qualidade da provocação do desconhecido e inclassificável outro, e simples diferença (SENNETT, 2002). Na Londres contemporânea, diferença – e em particular a diferença epidérmica – tornou-se “simples diferença”, tornou-se comum. Como um jovem homem, descendente de uma mistura de africano, português, judeu e australiano disse: “Eu sou apaixonadamente londrino, aqui é onde

eu pertença. A meu ver, ser londrino significa ser metade disso e metade aquilo”, ou no caso dele, quatro partes indeterminadas. Essa tendência aparentemente imparável para a fusão existe ao mesmo tempo que, e em contraste a, a cada vez mais enraizada diferenciação religiosa e cultural pós-moderna.

O que precisa ser explicado, portanto, é porque os Londrinos parecem ser relativamente únicos em sua propensão para mesclar. O que é que distingue Londres de outras sociedades pós-coloniais ou colonizadoras no ocidente? Quais são os determinantes históricos, geopolíticos e inconscientes desse tipo de cosmopolitismo doméstico e emocional moderno? Qual é a especificidade conceitual desse cosmopolitismo visceral, local e relacionado ao gênero?

Teorias

A uma década atrás, praticamente não havia literatura teórica sobre cosmopolitismo. Nos anos recentes, o tema tem sido tratado por uma variedade de disciplinas e tem referido a um conjunto desigual de filosofias, subjetividades, aspirações e práticas: da cidadania global e das identificações transnacionais de migrantes aos jornalistas americanos engajados na guerra do Iraque.⁶ Portanto, é preciso cuidado com seu uso. Me deparei com algumas referências inesperadas ao termo por acaso, enquanto trabalhava nos arquivos de Selfridge: Gordon Selfridge, fundador da Loja de departamentos, foi um defensor entusiasta do cosmopolitismo (assim como foi também do feminismo) e escreveu sobre isso com frequência em sua coluna diária, durante as primeiras décadas do século XX, no auge do *Empire*. Ele ficava satisfeito, muitas vezes afirmava, de que Londres estivesse perdendo sua insularidade e se tornando realmente cosmopolita (e.g. SELFRIDGE, 1911). Essas aspirações otimistas solicitaram minha subsequente pesquisa sobre a história do cosmopolitismo na cultura social e de entretenimento e porque as mulheres foram tão significantes nessas esferas como consumidoras, sobre a especificidade da fascinação das mulheres com o exterior e a alteridade. Uma das preocupações naquele trabalho sobre o início do século XX foi a de destrinchar as distinções entre um aspirante cosmopolitismo, como parte de um comprometimento com o novo – como uma característica da modernidade –, e o “orientalismo” de Edward Said (SAID, 1978; NAVA, 1998 e 2007).

A finalidade desse trabalho, num clima intelectual no qual a implantação do “cosmopolitismo” tornou-se agora lugar comum, é a de apurar e esclarecer algumas das possibilidades teóricas negligenciadas do conceito e ressaltar ausências nos debates atuais. As narrativas históricas e textos que já referenciei sugerem três zonas analíticas interligadas que têm sido excluídas ou estreitamente interpretadas na literatura. Elas são disposição, gênero e o doméstico. Discussões sobre disposição têm tendido a excluir o afeto. O gênero tem sido excluído de todos os aspectos do debate. Cosmopolitismo no lar, ao invés de no exterior – cosmopolitismo

⁶ Isso foi usado dessa forma na conferência anual da *Cultural Studies Association* (Estados Unidos), em 2003, em Pittsburgh. Ver Vertovec e Cohen (2002) para uma útil discussão da variedade de abordagens existentes.

local – também tem sido pouco abordado. O gênero, apesar de em primeiro plano em uma dessas zonas, é na verdade um elemento que atravessa todos os três. De fato, essa presença comum pode bem ser o fator que levou à sua marginalização no geral. Ainda, como eu espero demonstrar, a relevância conceitual de todas as três zonas para o regime discursivo mais amplo do cosmopolitismo é convincente.

Disposição

Disposição, que se refere a uma atitude ou modo de se envolver com o mundo, é a menos negligenciada das três. É uma das “perspectivas” identificadas por Vertovec e Cohen (2002) e é discutida com alguma profundidade e perspicácia por Tomlinson (1999) e também por Urry (1995).⁷ Basearam-se no trabalho de Hannerz que, em seu ensaio seminal, descreve cosmopolitismo como “uma instância intelectual e estética de abertura para experiências culturais divergentes” (HANNERZ, 1990: 239). O cosmopolita, nesse quadro (quem Hannerz implica é, normalmente, um homem ocidental), tem competências reflexivas e cognitivas que o permitem viajar pelo mundo mantendo-se cultural e emocionalmente desconectado. Apesar de útil para abrir o debate, as várias considerações sobre as habilidades cognitivas de viajantes e migrantes deixam de levar em conta os elementos *não*-racional, viscerais, reativos e inconscientes que estão complexamente em jogo na produção do imaginário cosmopolita; eles são manifestados em sentimentos de empatia, atração e hospitalidade para com os outros e com os estrangeiros, e que emergem contundentemente nos episódios que descrevi anteriormente. Essas *emoções* e *imaginários* mais complexamente carregados, que eu insisto, deveriam ser considerados como um aspecto integral adicional do cosmopolitismo, também estão conectados àquilo que Stanley Cohen (numa tentativa de explicar porque algumas pessoas realmente ajudaram judeus na Europa ocupada, a despeito do risco para si mesmas) chamou de “extensividade instintiva”: é um tipo espontâneo e intuitivo de “senso de si mesmo como parte de uma humanidade comum”, um semi-consciente não-facilmente-explicado desprezo por fronteiras demarcando família, “raça” e nação (COHEN, 2001, p.265). As origens desses sentimentos de inclusividade e de um senso de uma comunidade imaginada, que se estende além dos limites do local, não são facilmente explicadas e têm sido negligenciadas mesmo dentro do campo da psicanálise, cuja missão é precisamente dar sentido à gênese de tais recorrentes, semi-conscientes embora idiossincráticas respostas. O ponto principal a enfatizar aqui é que as formas mais comuns de entendimento da disposição cosmopolita não incluem o não-racional e frequentemente-apaixonado compromisso com uma mais inclusiva comunidade de estranhos (apesar disso, ver KRISTEZA, 1993; isso é também discutido mais longamente em NAVA, 1992 e 2007). Nem tentam traçar sua genealogia. Contudo, genealogias – de formações históricas e geopolíticas, bem como a disposição – não podem ser negligenciadas se as atuais diferenças político-éticas no pensamento intelectual

⁷ John Tomlinson é o mais interessante dentre esses (1999). Ver também Nava (2007).

devem ser compreendidas. Muito frequentemente, é assumido que não há diferenças marcantes entre significantes raciais no ocidente, que as codificações norte-americanas se aplicam também na Grã-Bretanha. Mas esse não é o caso. O desrespeito imaginativo por fronteiras e os sentimentos de inclusividade – aqui referidos como disposição cosmopolita – são diferentemente interpretados e avaliados em diferentes contextos, como um recente trabalho de Kimberly Chabot Davis revela. Nele, ela analisa algumas das mordazes críticas morais feitas por anti-racistas americanos brancos contra outros brancos, e o que eles percebem como "sentimental", "egoísta" e "superficial simpatia" em relação a outros raciais, que é "inerentemente colonizante" e um "substituto para ação política" em vez de uma inquietação política do *status quo*. Essas observações são feitas no contexto de uma análise das respostas empáticas de leitoras brancas à literatura, feita por mulheres negras, no *talk show* de Oprah Winfrey, nos Estados Unidos (CHABOT DAVIS, 2003; 2004). Embora Chabot Davis conclua contrariamente a esses outros críticos norte-americanos, argumentando que experiências afetivas de leitura podem romper ideologias de hierarquia racial e poderiam estimular apoio a políticas públicas anti-racismo nos Estados Unidos, e portanto proponha uma análise mais matizada, é interessante notar que ela não trata do que deveria ser específico sobre as respostas que ela descreve, tanto em termos nacionais ou de gênero.

Gênero

Em contrapartida, eu faço a afirmação de que há um número de razões – sociais e psicodinâmicas – para que o gênero seja significativo e para que as mulheres na Grã-Bretanha tenham figurado de forma mais proeminente que os homens na história do cosmopolitismo do século XX, como relatado aqui. Isso inclui fatores históricos e geopolíticos, dentre eles as consequências demográficas de duas guerras mundiais, que seriamente reduziram os números de homens disponíveis; e também padrões de migração relacionados ao gênero para a Grã-Bretanha ao longo do século XX, o que significa que foram as mulheres nativas que primeiro tiveram relações íntimas com os visitantes e viajantes de outros lugares, predominantemente homens. As mulheres também foram caracteristicamente situadas em relação às novas formações sociais da modernidade popular. Em seu papel de principais compradoras, leitoras e público do cinema, elas estavam mais propensas a encontrar a proliferação de narrativas culturais e comerciais sobre o fascínio do estrangeiro e da diferença (ver, por exemplo, a promoção do tango por Selfridges nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial; filmes de romance no deserto como *The Sheik*, na década de 1920; as culturas norte-americanas de dança e cinema na década de 1930; e mais recentemente, a televisão; NAVA, 1998; 2007). Também a ser levado em conta era a precariedade da masculinidade inglesa que, particularmente durante o início do século XX, era frequentemente descrita na literatura e em relatos biográficos, escritos tanto por homens como por mulheres, como taciturna e sexualmente reprimida – em suma, como decepcionante. Nesse contexto, fantasias femininas sobre "outros" amantes floresciam.

Mas há outros fatores, como as teorias relatadas anteriormente indicam: algumas mulheres inglesas, também *identificadas* com “outros”, assim como eles eram marginalizadas e, contingentemente, tinham sua autoridade negada nos regimes instáveis e sobrepostos da superioridade branca e masculina. Assim, suas alianças com outros raciais e com os socialmente repudiados pode ser entendida, como Makonnen reconhece, como uma forma de proto-feminismo: esses atos constituíram uma revolta contra os limites da família e da “femininidade”, assim como do britanismo. Finalmente (e contenciosamente) podem ser também incluídos fatores inconscientes que tornam as mulheres (não todas as mulheres) mais inclinadas a sentir empatia por estranhos, a serem inclusivas e, politicamente, a serem pacifistas (como elas certamente foram no entreguerras e novamente têm sido desde o 11 de Setembro). Freud, em seu *Civilization and its Discontents*, usou a frase “o narcisismo das pequenas diferenças” para descrever a estável hostilidade entre vizinhos étnicos e raciais, predominantemente homens, que afirmava ele, estava enraizada na rivalidade do filho com o pai e, portanto, era inerentemente masculina (FREUD, 1930). Por outro lado, Bracha Ettinger, uma teórica lacaniana e artista, afirmou em um complexo trabalho recente que a empatia maior das mulheres por outros pode estar ligada ao que ela tem chamado de “matricial”. Esse é o efeito simbólico, no imaginário, de ter um útero que produz uma subjetividade feminina, mais em relação à conjunção que à diferença, um no qual as fronteiras entre as pessoas são menos claramente definidas e no qual o outro pode ser mais valorizado do que o eu (BOYNE, 2004; ETTINGER, 2004). A possibilidade do modo distintivo das relações intersubjetivas e das identificações inconscientes das mulheres com a diferença é também apresentada por outros, mas não há espaço para desenvolver o debate aqui (BENJAMIN, 1998; WYATT, 2004).

O que realmente parece ser o caso, porém, é que esses fatores sócio-históricos e psicodinâmicos se combinaram para produzir alguns resultados culturais específicos e inesperados. Como já foi notado, relacionamentos entre mulheres brancas e “outros” homens no contexto histórico da Grã-Bretanha colonial e pós-colonial têm contribuído para a desestabilização de hierarquias, tanto de raça quanto de gênero, ao contrário daqueles entre homens brancos e mulheres negras – o padrão dominante nos Estados Unidos, historicamente – que têm tendido a confirmá-los. As consequências dessa assimetria tem tido longo alcance e são relevantes para essa discussão, mas não têm sido muito exploradas. Os filhos mestiços de mães brancas nativas, no contexto do Reino Unido, mesmo que ainda bastante visíveis, têm mais chances de serem absorvidos, ainda que de forma desigual, pela cultura branca dominante e, portanto, de transformá-la em algo mais fluido – mais cosmopolita – e de tornar suas bordas nacionais e epidérmicas mais permeáveis. Isso difere do padrão norte-americano no qual crianças mestiças têm sido, historicamente, mais categorizadas como “negras”, deixando as fronteiras culturais e a pureza racial dos brancos intacta.⁸ Fusão cultural e

⁸ O legado da escravidão e a forma particular de conceitualizar a raça – regra de uma gota – persistem. O casamento interracial foi ilegal em metade dos estados norte-americanos até a década de 1960. Linchamentos eram comuns no sul até a década de 1930 (ALLEN *et al.*, 2004). Mesmo hoje, restrições são impostas por gravadoras norte-americanas, ao contrário daquelas na Grã-Bretanha, na representação de casais negro-branco na música e em vídeos, de acordo com o diretor Jake Nava.

mestiçagem, portanto, são resultados mais prováveis (no contexto de sociedades predominantemente brancas) onde as mulheres brancas são o ponto de contato social, emocional e sexual com “outros lugares”.

O doméstico

Diferenças de gênero são também centrais para a terceira zona, o doméstico. Esse tropo topográfico se refere tanto a um território da imaginação quanto, no contexto desse capítulo, às transformações mais materiais e históricas específicas para a geopolítica de Londres. Ambos contribuem para a forma como o cosmopolitismo doméstico está sendo conceituado aqui.

O doméstico gera uma série de conotações discursivas. Ele evoca o espaço, as dualidades de dentro-fora, privado-público, lar e estrangeiro, o domesticado e, claro, o feminino. No contexto dessa discussão, ele sinaliza um cosmopolitismo que ocorre no lar, na família, em nossa cidade natal, nos territórios interiores da mente e do corpo. Como tal, ele sugere uma estrutura afetiva – uma instância de abertura a outros e a outras práticas culturais – que existe independentemente de se viajar para países estrangeiros ou do conhecimento de línguas estrangeiras; este é um cosmopolitismo que emerge do envolvimento com a alteridade e o que é de outros lugares em zonas *locais* – os micro públicos – da cidade: a rua, a escola, a clínica para bebês, a academia, a pista de dança, o *shopping center* e os terrenos culturais dos sons e da aparência urbanos (AMIN, 2002, SANDERCOCK, 2003). Da mesma forma, a íntima embora mediada forma da TV deve também ser incluída aqui, visto que, cumulativamente, ela gera, no ambiente familiar da sala de estar, uma crescente desterritorialização do globo normalizando a diferença nas esferas da música, da moda, mesmo da política, embora muitas vezes contra a mensagem de programas individuais.

Mas seria um erro assumir que essas experiências cotidianas de interação são simples repetições, no seu próprio território, das viagens ao exterior empreendidas pelo cosmopolita de Hannerz, para quem o estrangeiro tende a ser formado por entidades normalmente mantidas à distância. As culturas cotidianas domésticas que têm se desenvolvido em muitos bairros de Londres ao longo das últimas décadas estão mais próximas do cosmopolitismo vernacular referido (muito brevemente) por teóricos pós-coloniais como Hall e Bhabha, na forma como eles sinalizam as crescentemente indistintas, híbridas e pós-multiculturais, transformações vividas que são o resultado da diaspórica mistura e indeterminação cultural ao invés de pluralidade e coexistência (BHABHA, 1996, HALL, 2000, BENEDICTUS, 2005). Então, a continuidade não apenas da co-residência mas da *interação*, do conhecimento e desejo mútuos, é o que baliza o cosmopolitismo doméstico e vernacular e, mais importante, o faz não apenas para um em cada quatro londrinos nascidos no estrangeiro (KYAMBI, 2005) ou para os muitos mais cujos pais o são, mas também para os vários milhões de indivíduos britânicos que habitam a metrópole e têm prazer em sua mistura cultural. Apontar isso não é negar a contundência da paralela e às vezes complexamente entrelaçada xenofobia e o sentimento

anti-imigrante que, em momentos oportunos, são reajustados e usados para fins políticos. A afirmação aqui é que, juntamente e imbricada com essa exclusividade, e curvando-se à popular (frequentemente rural) ansiedade, há um mais generoso envolvimento hospitaleiro com pessoas de outros lugares, um compromisso para a imaginada comunidade transnacional inclusiva de londrinos diferentes.

Essas conexões imaginativas e transformações culturais surgem, em parte, de fatores específicos na história geopolítica de Londres: Londres não é apenas diferente de Nova Iorque ou Chicago em relação a sua mistura cultural-racial, mas é também diferente de Paris, a despeito de uma história similar de relações pós-coloniais. Eric Hobsbawm esclarece que ao longo dos últimos trinta anos ou mais, o centro de Paris tem sido transformado num "gueto burguês gentrificado gigante", do qual os pobres e imigrantes foram expulsos para projetos de habitação na periferia suburbana da cidade (HOBBSAWM, 2002: 32).⁹ Apesar de Londres também ter áreas gentrificadas, os danos dos bombardeios do tempo de guerra e a resultante, quase aleatória, dispersão da habitação social pela cidade fez com que as classes medias e trabalhadoras, estrangeiros e nativos, morassem e estudassem numa proximidade muito mais íntima uns com os outros (ainda que desigualdades persistam). Então, ainda que alguns grupos migrantes tenham se instalado próximos a pessoas de suas próprias origens, enquanto outros se dispersaram por toda a cidade, a maioria foi educada num ambiente altamente mixado, juntamente tanto com uma classe média gentrificada, profissional, muitas vezes de esquerda, que havia se mudado para alguns dos setores negligenciados da cidade, quanto com uma móvel e nativa classe trabalhadora que estava cada vez menos coesa e que, por sua vez, mudou-se para as franjas urbanas mais externas devido à remoção de bairros degradados ou devido ao desejo de viver em subúrbios mais respeitáveis e salubres.

Tal familiaridade entre grupos é um dos fatores que alteraram o eixo do pertencimento em grande parte da Londres contemporânea. Ainda que Ash Amin tenha ressaltado que a proximidade residencial em si não seja suficiente para transformar a consciência: o que é necessário é a interdependência e a participação habitual nos projetos e espaços cotidianos da cidade (AMIN, 2002). Modood afirma que "a mobilização e participação política, especialmente o protesto e a contestação", são eles próprios uma forma de "integração", e esse é um fator que distingue os padrões britânicos de migração daqueles em outras partes da Europa (MODOOD, 2005, p.69). O argumento relacionado de Richard Sennet, sobre respeito mutuo e o expressivo trabalho de reconhecer outros – sobre a importância de se *atuar* a "reciprocidade" –, apesar de feito sobre outro contexto, é também útil para pensar nas condições para a operação viável do cosmopolitismo (SENNET, 2004, p.59).

⁹ Ver, por exemplo, o filme *La Haine*, dirigido por Mathieu Koisovitz (1995). Os subúrbios na mitologia dos Estados Unidos e do Reino Unido evocam segurança e respeitabilidade, enquanto aqueles de Paris sugerem depravação e ameaça. A condição e clima dos subúrbios de Paris estão na tela durante os prolongados distúrbios de outubro e novembro de 2005.

Conclusões

Práticas domésticas, locais e políticas desse tipo, impulsionadas pelas economias emocionais e libidinais de identificação e desejo, são, eu diria, os elementos fundamentais dos imaginários e das experiências mais inclusivas de pertencimento do cosmopolitismo urbano do século XXI. Assim, apesar de o cosmopolitismo doméstico de Londres poder ser confinado predominantemente aos limites geográficos da metrópole, imaginativamente e visualmente ele ampliou os limites do que significa ser londrino e, na verdade, britânico. É cada vez mais evidente, além disso, que em relação ao cosmopolitismo, como também foi no caso da segunda onda feminista, o doméstico e o pessoal não são politicamente insignificantes. Ao contrário, culturas afetivas estão profundamente implicadas na resistência política e na transformação, tanto no anti-racismo quanto no racismo. Gênero e estruturas afetivas – as micro-narrativas e encontros do cotidiano emocional, doméstico e de gênero – devem ser levados em conta se pretendemos entender a especificidade do contexto contemporâneo. Teóricos do cosmopolitismo, do pós-colonialismo e das diferenças raciais que negligenciaram esses fatores diminuíram a abrangência conceitual e política de seus próprios argumentos.

A relevância, tanto conceitual quanto política, das análises do cosmopolitismo propostas aqui, é visível na sequência de eventos icônicos que transformaram a consciência e a imagem global de Londres na primeira semana de julho de 2005. O sucesso da candidatura para as Olimpíadas foi em parte uma consequência da deliberada promoção de Londres como uma cidade global e dos londrinos como a população mais culturalmente diversa do mundo. O breve momento de euforia e orgulho metropolitano gerados pelo prêmio foi seguido, poucas horas depois, pela escuridão das bombas do dia 7 de julho que, mutilando e matando pessoas de uma grande variedade de origens nacionais, novamente transmitiu ao mundo uma imagem da diversidade cultural de Londres, e ao mesmo tempo era constitutiva de uma nova consciência de convergência e interdependência entre os próprios londrinos. Ken Livingstone, prefeito de Londres, quando entrevistado imediatamente após o evento, disse (aproximadamente) portanto: “entre aqueles que morreram estavam mulçumanos, cristãos, judeus, hindus, jovens, velhos, negros e brancos, pessoas de todo o mundo que vivem aqui em harmonia por causa da liberdade da cidade. Esse desastre irá unir os londrinos, não dividi-los”. Os pessimistas devem dizer que suas palavras foram uma tentativa de dispersar tensões. Elas podem, em parte, ter sido. No entanto, a partilha comovente e íntima de sorte e azar por parte dos moradores de Londres ao longo destes dias dramáticos é um indicativo da extensão da reciprocidade deste cotidiano e local cosmopolitismo do século XXI.

Referências

ALLEN, J. et al. **Without Sanctuary: Lynching Photography in America**, New Mexico: Twin Palms Publishers, 2004.

- AMIN, A. **Ethnicity and the Multicultural City**, Durham: University of Durham Press, 2002.
- BENEDICTUS, L. 'London: the world in one city', **Guardian**, G2 special issue, 21 January, 2005, p.1-7.
- BENJAMIN, J. (1998) **Shadow of the Other: Intersubjectivity and Gender in Psychoanalysis**, New York and London: Routledge, 1998.
- BHABHA, H. 'Unsatisfied: notes on vernacular cosmopolitanism', In: GARCIA-MORENO, L.; PFEIFFER, P. Eds. **Text and Nation: Cross-Disciplinary Essays on Cultural and National Identities**, Columbia, SC: Camden House, 1996, p.191-207.
- BOYNE, R. 'Uterine self-understanding and the indispensable Other: editorial reflections on the work of Bracha Ettinger', **Theory, Culture & Society**, vol. 21, 2004, p.1-3.
- CHABOT DAVIS, K. 'An ethnography of political identification: the Birmingham school meets psychoanalytic theory', **Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society**, vol. 8, 2003, p.3-11.
- CHABOT DAVIS, K. 'Oprah's book club and the politics of cross-racial empathy', **International Journal of Cultural Studies**, vol. 7, 2004, p.399-419.
- CHISHOLM, A. **Nancy Cunard**, Harmondsworth: Penguin, 1981.
- COHEN, S. **States of Denial: Knowing about Atrocities and Suffering**, Cambridge: Polity, 2001.
- COSTELLO, J. **Love, Sex and War**, London: Collins, 1985.
- CROSSMAN, R. **Palestine Mission: A Personal Record**, London: Hamish Hamilton, 1946.
- DERRIDA, J. 'On cosmopolitanism', In: **On Cosmopolitanism and Forgiveness**, London and New York: Routledge, 2001.
- DUBERMAN, M. **Paul Robeson**, London: Bodley Head, 1989.
- ETTINGER, B. L. 'Weaving a woman artist with-in the matrixial encounter-event', **Theory, Culture & Society**, 2004, p.69-93.
- FREUD, S. **Civilization and its Discontents**, London: Hogarth Press, 1930.
- GARDINER, J. **'Over Here': The GIs in Wartime Britain**, London: Collins and Brown, 1992.
- GILROY, P. **There Ain't No Black in the Union Jack**, London: Hutchinson, 1987.
- HALL, S. 'Conclusion: the multi-cultural question', in **Barnor Hesse** (ed.) **Un/Settled Multiculturalisms: Diasporas, Entanglements, Transruptions**, London and New York: Zed Books, 2000, p.209-241.
- HANNERZ, U. 'Cosmopolitans and locals in world culture', **Theory, Culture & Society**, 1990, vol. 7, p.237-51.

- HESSE, B. 'Introduction: Un/Settled multiculturalisms', In: HESSE, B. Ed. **Un/Settled Multiculturalisms: Diasporas, Entanglements, Transruptions**, London and New York: Zed Books, 2000, p.01-30.
- HOBBSAWM, E. **Interesting Times: A Twentieth-Century Life**, London: Abacus, 2002.
- JAMES, C.L.R. [1932] 'The women', In: LAUGHLIN, N. Ed. **Letters from London: Seven Essays by C.L R. James**, Oxford: Signal Books, 2003, p.93-107.
- KRISTEVA, J. **Nations Without Nationalism**, New York: Columbia University Press, 1993.
- KYAMBI, S. **Beyond Black and White: Mapping New Immigrant Communities**, London: Institute for Public Policy Research, 2005.
- LEE, H. **Virginia Woolf**, London: Chatto & Windus, 1996.
- MODOOD, T. **Ethnic Minorities in Britain: the Fourth National Survey**, London: Policy Studies Institute, 1997.
- MODOOD, T. 'A defence of multiculturalism', *Soundings: A Journal of Politics and Culture*, Issue 29, 2005, p.62-71.
- MOUFFE, C. 'Cosmopolitan democracy or multipolar world order', **Soundings: A Journal of Politics and Culture**, Issue 28, 2004, p.62-74.
- NAVA, M. 'The cosmopolitanism of commerce and the allure of difference: Selfridges, the Russian Ballet and the Tango 1911–1914', **International Journal of Cultural Studies**, vol.1, ed. 2, 1998, p.163-196.
- NAVA, M. 'Cosmopolitan modernity: everyday imaginaries and the register of difference' **Theory, Culture & Society**, vol. 19, 2002, p.81-99.
- NAVA, M. **Visceral Cosmopolitanism: Gender, Culture and the Normalisation of Difference**, Oxford: Berg, 2007.
- PARKER, D.; SONG, M. 'Introduction', In: PARKER, D.; SONG, M. Eds. **Rethinking 'Mixed Race'**, London: Pluto Press, 2001.
- PATTERSON, S. **Dark Strangers: a Study of West Indians in London**, Harmondsworth: Penguin, 1965.
- PILKINGTON, E. *Beyond the Mother Country: West Indians and the Notting Hill White Riots*, London: IB Tauris, 1988.
- SAID, E. **Orientalism**, Harmondsworth: Penguin, 1978.
- SALKEY, A. **Escape to Autumn Pavement**, London: Hutchinson, 1960.
- SANDERCOCK, L. **Cosmopolis II: Mongrel Cities of the 21st Century**, London and New York: Continuum, 2003.

SCHWARZ, B. 'Black metropolis, white England', In: NAVA, M.; O'SHEA, A. Eds. **Modern Times: A Century of English Modernity**, London: Routledge, 1996, p.176-207.

SELFRIDGE & Co. Ltd. Editorial Rooms. 'A London Rendez-Vous' 5 September, 1911.

SENNET, R. 'Cosmopolitanism and the social experience of cities', In: VERTOVEC, S.; COHEN, R. Eds. **Conceiving Cosmopolitanism**, Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 42-47.

SENNETT, R. **Respect: The Formation of Character in an Age of Inequality**, London: Penguin Books, 2004.

SKRBIS, Z.; KENDALL, G.; WOODWARD, I. 'Locating cosmopolitanism: between humanist ideal and grounded social category', **Theory, Culture & Society**, Vol. 21, p. 115-136, 2004.

SMALL, S. 'Colour, culture and class: interrogating interracial marriage and people of mixed racial descent in USA', In: PARKER, D.; SONG, M. Eds. **Rethinking 'Mixed Race'**, London: Pluto Press, 2001.

TOMLINSON, J. **Globalization and Culture**, Cambridge: Polity, 1999.

URRY, J. **Consuming Places**, London: Routledge, 1995.

YUVAL-DAVIS et al. Eds. **The Situated Politics of Belonging**, London: Sage, 2006.

VERTOVEC, S.; COHEN, R. Eds. 'Introduction', In VERTOVEC, S; COHEN, S. Eds. **Conceiving Cosmopolitanism: Theory, Context and Practice**, Oxford: Oxford University Press, 2002. p.01-22.

WYATT, J. **Risking Difference: Identification, Race and Community**, New York: State University of New York Press, 2004.